

NOTAS SOBRE FOTOGRAFAR TERREIROS



Leuziane de Oxum

A fotografia foi e continua sendo fundamental nas pesquisas que desenvolvo sobre a educação de crianças em terreiros de Candomblé. Como pescadora fotográfica trago rostos ampliados, seus gestos, risos, olhares, roupas e artefatos religiosos. Lanço minha rede luminosa na vã esperança de fixar o que tento pescar. Não fixo, não se deixaram fixar. Todos se movimentam na tensão do espaço fotográfico com sua ilusão estática.

Muitas questões precisam ser levadas em consideração no ato de fotografar terreiros. Uma delas é tentar perceber como praticantes do candomblé olham e entendem a fotografia. Esse olhar também é complexo, principalmente se não esquecermos que esta religião é cercada de *awo* (segredos). A situação ficou ainda mais complicada depois da publicação, em 1951, da longa reportagem intitulada: "As noivas dos Deuses sanguinários", na revista *O Cruzeiro*. Dezenas de

fotos exibiram o ritual de iniciação de três filhas-de-santo do terreiro de Mãe Riso da Plataforma, em Salvador. A repercussão das fotos foi devastadora no meio religioso justamente porque a maioria dos adeptos, principalmente naquela época, considerava a fotografia dos rituais uma profanação ao sagrado e um risco para os segredos do culto.

De lá para cá muita coisa mudou mas, ainda hoje, o posicionamento em relação à fotografia por parte das lideranças do candomblé não é unânime. Muitas continuam entendendo a fotografia como um elemento de invasão e destruição. Outros e outras, como uma aliada na luta contra a discriminação de cultos afro-descendentes. Laelson dos Santos, por exemplo, é chefe do mais tradicional terreiro de culto aos éguns (o espírito ancestral), no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Fotografar sua casa de santo é raro e os limites demarcados por ele são imensos. Ele está inserido no primeiro grupo, ou seja, é uma liderança de terreiro que acha que a fotografia atrapalha, compromete os segredos, prejudica a tradição.

Já Palmira de Iansã, outra importante liderança de candomblé, também na Baixada Fluminense, só que de cultos de orixás, considera limites importantes, mas vê a fotografia também como um instrumento de divulgação importante. Os espaços de sua casa de santo são mais liberados. Há, contudo que se ter cuidado. Em muitas festas, o fotógrafo e fotógrafa precisa estar atento porque é próprio orixá quem ameaça ir embora incomodado pelo excesso de flashes.

O que posso dizer é que todo pesquisador ou pesquisadora que se dedicar a fotografar terreiros aprenderá muito e de múltiplas formas. Aprendemos, inclusive, quando erramos.

Oxum de óculos?

Ao longo desse período fazendo tantas fotos em terreiros, uma das melhores coisas era discutí-las com os sujeitos da pesquisa. Pouco antes da defesa da tese, levei a última versão já impressa com as fotos e legendas. Era uma gostosa tarde na Baixada Fluminense, fazia um sol especial e estávamos no pátio do terreiro, em roda, eu e mais umas dez pessoas do culto, olhando, comentando, rindo das fotos. Foi quando Jucemar, um muito querido filho-de-santo daquela casa me perguntou espantado: "Stela, você já viu Oxum de óculos?" e eu disse: "Como assim?". A explicação é a seguinte: Jucemar estava olhando a foto de Leuziane, uma filha de Oxum. Na legenda, eu havia escrito: "*Oxum, em Leuziane*" (seria mais uma foto que estaria neste livro quando me refiro aos orixás). Mas a filha-de-santo estava de óculos, portanto, já que orixás não usam óculos, ainda era Leuziane de Oxum, mas não Oxum em Leuziane. Rimos muito e está claro que o valor dessa experiência vai além da mudança que tive de fazer na legenda dessa foto.



Tauana, Dona Conceição (a mãe) e Tainara, todas à caráter.

Na experiência da fotografia tudo se modifica

Conheci Tauana dos Santos em 1992 e ela tinha dois anos. Tainara, sua irmã, eu só conheceria em 2004, quando ela já era adolescente. O fato é que desde o início, elas inventaram nomes fictícios para serem identificadas na tese. Já nas fotos, optaram por não serem

fotografadas “`a caráter”, ou seja, com as roupas do culto. Porém, ao receberem o texto para que tomassem conhecimento do conjunto da pesquisa e do espaço onde foram inseridas, se depararam com inúmeras outras crianças e adolescentes fotografadas “à caráter”.

Houve então uma mudança radical no comportamento das meninas que passaram a usar seus nomes verdadeiros e mais, ao não se verem nas imagens de seu grupo se sentiram excluídas dele. Elas me ligaram e pediram que eu as fotografasse de novo e, dessa vez, não tiveram vergonha de usar suas roupas e colares de santo, marcas de suas identidades. “Foi a primeira vez que nos vimos como um grupo e as imagens de outras crianças e adolescentes vestidas como nós nos vestimos é que mostraram isso. Nem sabia que éramos tantas fora do nosso próprio terreiro”, me disse Tauana, aos 15 anos. As duas participaram da defesa da tese e estavam “à caráter”, mas só se vestiram com as roupas do culto já na PUC.

As mudanças não pararam por aí. No dia 21 de setembro de 2008, durante a passeata pela liberdade religiosa, encontrei as irmãs Tauana e Tainara, felizes, com o povo de seu terreiro, cantando músicas para os orixás, panfletando e defendendo ao lado de milhares de pessoas, o direito e o orgulho de serem filhas do candomblé.

.....

Sobre o (a) autor (a):

√ Stela Guedes: Professora visitante da UERJ. Membro do grupo de pesquisa Redes Educativas e Currículos Locais coordenado por Nilda Alves.